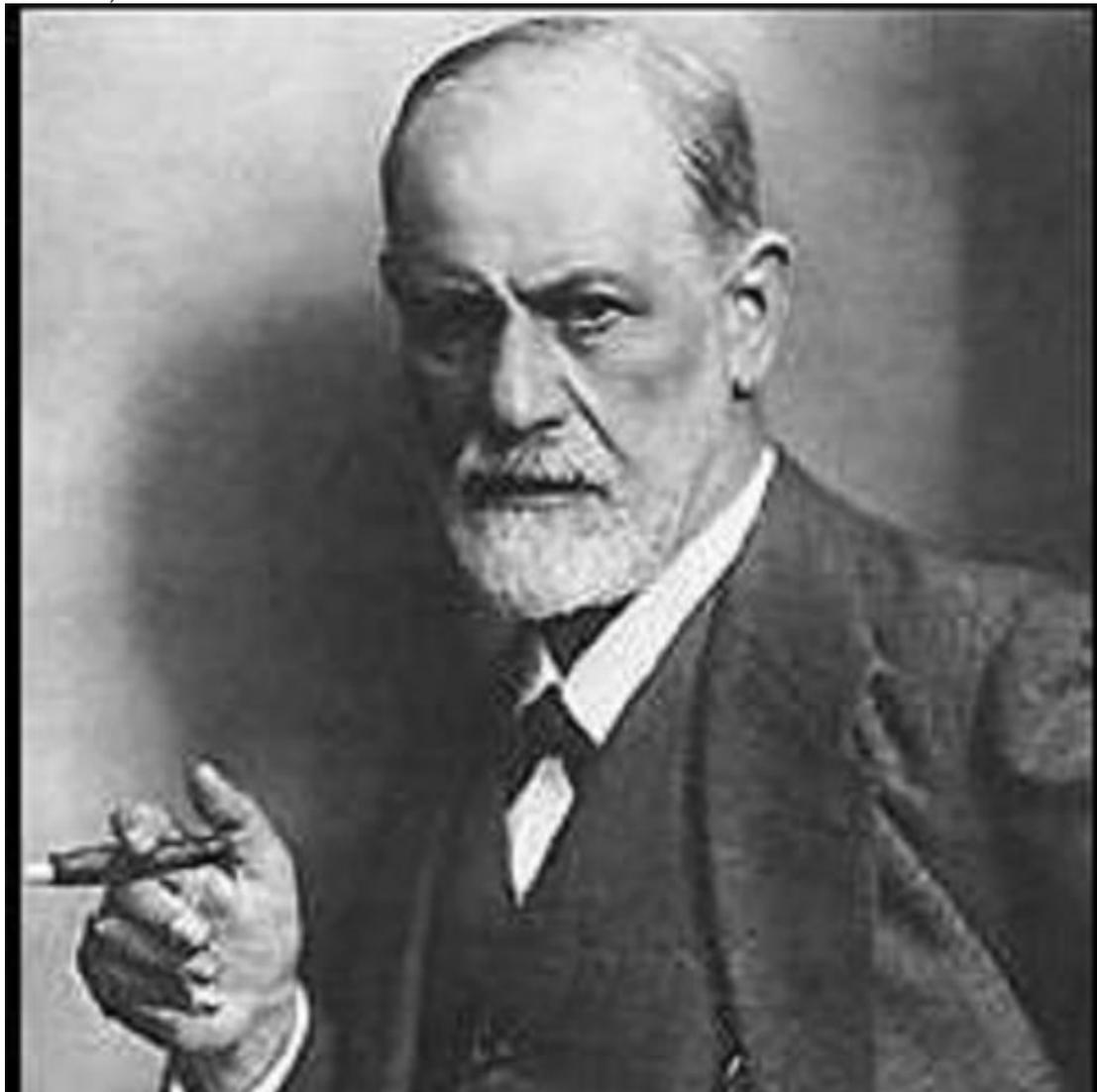


FREUD REINTERPRETA O CASO DE HOMOSEXUALIDADE FEMININA À LUZ DO COMPLEXO DE CASTRAÇÃO – INVEJA DO PÊNIS

Maria Lucia Putini Barsuglia

S. Freud, 1922



“A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” é um texto escrito por Freud em 1920, momento em que ele buscava compreender essa particular escolha de objeto sob a luz do Édipo III, ou seja, através das Identificações.

O presente trabalho visa percorrer essa narrativa de Freud a respeito da origem e do desenvolvimento de um caso de homossexualidade feminina na tentativa de compreendê-lo através do Complexo de Castração – Inveja do pênis (Édipo IV); construções teóricas que se

deram posteriormente.

Com o objetivo de tornar a apresentação mais dinâmica e didática tomarei a liberdade poética de dar voz a Freud, em primeira pessoa, ao analisar o caso em dois momentos distintos. Para isso, apresentarei a análise que, de fato, Freud realizou em 1920, época em que foi apresentado o artigo; e apresentarei, ainda, uma análise que se dará “ficticiamente” na década de 30 quando Freud já dispunha de outros elementos teóricos para tal análise.

Nesse segundo momento, Freud contará com o apoio dos escritos a “Sexualidade Feminina, 1931” e a “Feminilidade, 1933” e, a partir destes, fará uma contraposição - ou melhor dizendo - uma complementação entre as hipóteses levantadas em 1920 e as que, provavelmente, substituíram-nas uma década depois.

Breve histórico sobre o caso

Trata-se de uma bela jovem de dezoito anos.

Seus pais me procuraram por estarem preocupados com a adoração e admiração que uma “certa dama da sociedade”, cerca de dez anos mais velha, despertava em sua filha.

Sabia-se que essa dama vivia com uma amiga numa relação bastante íntima, ao mesmo tempo em que mantinha relações promíscuas com alguns homens; fatos que em nada interferiam nos sentimentos da jovem moça.

Apesar da vigilância e das proibições, ela sempre buscava formas de se encontrar com a sua amada, embora esta não lhe dispensasse a atenção desejada. A dama lhe recomendava que ela se afastasse não só dela, mas como das mulheres em geral, rejeitando, portanto, todos os avanços da jovem; avanços esses que não se tratavam de contatos físicos já que a própria jovem não tinha a intenção de concretizá-los.

Embora utilizasse, com os pais, artifícios mentirosos para que tais encontros fossem possíveis, por outro lado, parecia não demonstrar o menor escrúpulo em aparecer publicamente em companhia de sua amada.

Seis meses antes dos pais decidirem procurar algum tipo de ajuda, o pai encontrou a filha em companhia da dama numa das ruas da cidade e não escondeu a sua ira. A jovem, diante disso, saiu correndo e tentou o suicídio se jogando na linha ferroviária. Após esse episódio os pais passaram a tratar a paixão da filha, pela dama, sem tanta hostilidade; além de que a própria dama passou a conceder a jovem um tratamento mais amistoso. Mais tarde, vim, a saber, que o verdadeiro motivo da tentativa de suicídio foi que a dama, ao saber que aquele era o pai da moça e do seu desagrado em vê-las juntas pôs fim, prontamente, àquela “amizade”. A moça não suportando perder, para sempre, a sua amada tentou por fim a própria vida.

Seu pai era um homem sério que não aceitava sob nenhuma condição as atitudes da filha que lhe traziam muita amargura. Quando soube, pela primeira vez, das tendências homossexuais da filha encarou-a como mentalmente perturbada e, agora, parecia não medir esforços para despertar nela os “instintos naturais e abafar suas tendências inaturais”.

A mãe era uma mulher jovem, vaidosa e que gostava de se manter atraente. Fazia diferença no tratamento que dedicava aos filhos reservando à filha a aspereza, enquanto aos filhos

mostrava-se bastante tolerante. Chamou-me atenção o fato de que, para a mãe, esse particular enamoramento da filha pela dama não era encarado com tanta seriedade como era para o pai. A mãe, inclusive, era confidente da filha em relação a essa sua paixão e o que parecia incomodar a mãe, de fato, era a falta de descrição da filha.

Os pais não tinham observado, até então, nenhum interesse da filha em relação a moços e nenhum envaidecimento quando cortejada por eles. Ao contrário, parecia se enraivecer diante de tais situações. Por outro lado, já haviam notado o seu interesse por outras mulheres o que fazia seu pai, em especial, ressentir-se muito.

Ao receber os pais me comprometi, apenas, em conceder a filha alguns encontros com o objetivo de ter um panorama do que realmente se tratava, sem, no entanto, prometer que faria dela uma “moça” conforme o desejo dos pais.

1920

. Freud analisa um caso de homossexualismo feminino

. Exposição de idéias embrionárias sobre o Complexo de Édipo feminino que ganharão força após uma década

Apesar de receber a jovem por um curto período em análise pude obter material suficiente para lançar alguma luz sobre a origem e o desenvolvimento da escolha amorosa feita por ela. Ao longo do tratamento pude supor que o Complexo de Édipo havia sido vivido, por ela, segundo as características próprias do conflito experienciado pelas meninas, em geral; isto é, identificou-se com a mãe e escolheu o pai como objeto amoroso.

O fato que parecia corroborar com tal hipótese era que aos treze anos, portanto na puberdade, a jovem apresentou uma forte afeição por um menino de três anos de idade, o que denota um forte desejo de ser mãe e possuir um filho. Nesse momento, pude observar que a sua libido estava concentrada numa atitude maternal.

Aos cinco anos de idade a jovem ganha um irmãozinho, fato que parece não ter exercido influência especial sobre o seu desenvolvimento.

Tudo parecia evoluir de acordo com uma vivência edípica feminina normal até que logo se desinteressou pelo menino que até então se afetudara e começou a se interessar pelas mulheres maduras, mas que mantinham uma aparência ainda jovem.

O acontecimento que marcou essa mudança foi o da mãe ter engravidado do terceiro filho quando a jovem contava dezesseis anos.

A partir da análise dos sonhos da jovem fui construindo uma forma de compreensão dos fatos objetivos em relação à forma como a jovem escolhia seus objetos amorosos.

A análise deixou claro que a dama era a substituta de sua mãe. A dama era somente mais uma eleita para ser objeto de sua afeição; já que já na infância a jovem demonstrava certa afeição por mulheres/mães mais velhas.

Porém, fiquei intrigado de como um nascimento de uma criança pôde ter propiciado o deslocamento do amor (dirigido à mãe) para uma substituta. O mais esperado seria que a filha ficasse com um misto de inveja e desprezo, e não nutrisse sentimentos ternos em relação à mãe; já que esta a tratava explicitamente como uma rival e se mantinha vigilante no que dizia respeito a qualquer estreiteza de relacionamento entre a jovem e seu pai.

A minha hipótese foi que essa jovem moça, na puberdade, ao reviver o seu complexo de Édipo sofreu um grande desapontamento no momento em que tomou consciência do desejo de possuir um filho do pai. Mas, a realidade implacável se impôs e quem teve o filho de

seu pai foi a sua mãe. A mãe, nesse momento, inconscientemente, representava a sua mais odiada rival.

Como conseqüência do seu ressentimento, se afastou do pai e dos homens em geral; renunciando, assim, da sua feminilidade e buscando outro objeto de investimento para a sua libido.

A jovem ao abandonar o seu objeto amoroso, o pai, identificou-se com ele transformando-se num homem. Tomou a mãe, portanto, como objeto de seu amor com toda a ambivalência amor/ódio existente desde a tenra infância. A partir disso, ficou compreensível a busca de uma ligação apaixonada com uma mãe substituta.

Penso, ainda, que ao se retirar do plano da heterossexualidade, a jovem pôde abrir mão dos homens e deixá-los exclusivamente para a mãe. Dessa forma preservou a mãe do seu ódio ao mesmo tempo em que viu uma oportunidade de se vingar do pai; já que ele ficava amargurado com suas atitudes.

Com isso, a sua homossexualidade servia a dois propósitos, a saber, preservar a mãe de seu ódio e desafiar e punir o pai. Eu observei que era como se ela fizesse valer o princípio do Talião: “Olho por olho, dente por dente”, isto é, “De vez que você me traiu, tem que se conformar com que eu o traia”.

Percebi, ainda, que o interesse e o amor da jovem por sua amada dama ganhava um reforço de uma parte de sua libido que estava ligada ao seu irmão mais velho.

Chamava atenção à forma como a jovem demonstrava o seu amor a sua amada, pois, encaixava-se perfeitamente no tipo masculino de amar que descrevi num outro trabalho (Um tipo especial de escolha feita pelos homens, 1910). Naquele eu apontei a humildade do amante, um certo conformismo no recebimento de apenas algumas migalhas de atenção, a paciência bíblica na espera de um encontro casual com a amada, a necessidade de salvá-la dessa vida mundana.e, ainda, a irresistível atração sentida por mulheres levianas como condição necessária para o seu amor. A todos a esses aspectos atribuí a ligação do menino à mãe.

Pude, ainda, através dos sonhos da minha jovem paciente atribuir outros dois sentidos à tentativa de suicídio: uma autopunição e uma realização de desejo.

Em alemão o verbo *niederkommen* tem o sentido tanto de “cair” como o de “dar a luz” e, assim é possível fazer um jogo de palavras que justifica a realização de um desejo “o desejo de ter um filho do pai e o fato de que caiu por culpa do pai”.

No que diz respeito à autopunição esta vinha como o retorno de desejos intensos de morte e vingança contra os pais; em especial pela mãe por causa da última gravidez.

O que me causou inquietação foi o fato de que essa inversão tenha sido posteriormente adquirida.

Não é possível sustentar que foi o desapontamento experimentado pela jovem que determinou a sua homossexualidade. Penso que outros fatores especiais externos ao trauma, mas de natureza interna; contribuíram para tal desenlace.

Apontei há algum tempo (Três ensaios, 1905) a disposição bissexual de todo o ser humano e que esta ganha força considerável no início do desenvolvimento. Com isso quero dizer que inicialmente não há a clara definição entre ser homem ou ser mulher. Esta definição somente será possível a partir do sexo do seu objeto amoroso e essa escolha requer um caminho libidinal a ser percorrido.

Contudo, na jovem em questão sua libido fluiu em duas correntes: a homo e a heterossexual sendo que a tendência homossexual era demasiadamente forte. A meu ver, essa tendência era provavelmente uma reprodução fiel de uma fixação infantil com a mãe.

Com a análise ficou demonstrado que a jovem possuía um forte complexo de masculinidade.

Após se deparar com a diferença entre os sexos, ao observar os genitais do irmão, desenvolveu uma acentuada inveja do pênis.

Era uma feminista e inconformava-se com a maneira com que as mulheres eram tratadas em comparação aos homens que tinham mais liberdade e direitos.

Num olhar mais apressado poderia ter concluído de que esse era o típico caso de homossexualismo posteriormente adquirido; mas a partir do material observado pude concluir de que se tratava de um caso de homossexualismo congênito, mas que se expressou tardiamente na puberdade.

Concluí que para essa jovem não foi possível estabelecer uma identificação com a mãe aos moldes do curso normal do complexo edípico, no qual a maior porção da libido investida no objeto-pai pôde ser utilizada para intensificar a identificação com a mãe; e a outra menor porção da libido se destinou ao recalque. Caso fossem esses os destinos dos seus desejos incestuosos pelo pai a heterossexualidade estaria, de uma certa forma garantida.

A análise dessa jovem foi curta, pois percebi que o tratamento estava fadado ao fracasso caso eu não orientasse seus pais a procurarem uma médica.

Tal decisão se deu pelo fato de que identifiquei que o repúdio em relação aos homens, conseqüência do seu desapontamento com seu pai, era transferido para mim e, com isso, o tratamento ficaria paralisado.

1920 - 1933

. Um novo olhar sobre a origem e desenvolvimento do Complexo de Édipo da menina

Diante da oportunidade de poder reinterpretar o caso da jovem moça e complementar a compreensão do complexo edípico feminino; vejo a necessidade de fazer uma breve explanação de algumas hipóteses que fui construindo, ao longo dessa década, sobre o percurso libidinal da menina,

Em 1920, ainda não tinha condições de relacionar a dissolução do Complexo de Édipo com o Complexo de Castração – Inveja do Pênis, instrumento teórico primordial sem o qual não é possível compreendermos a escolha de objeto amoroso, nesse caso, da menina.

Em 1923, em meu artigo “A organização Genital Infantil” apresentei a fase fálica que tem como marca a primazia do falo. O falo para o menino está sob o domínio do pênis enquanto que para a menina o clitóris é o seu correspondente. Nesse artigo, no entanto, somente me ocupei do que se referia ao menino porque me ainda era obscuro falar sobre a menina.

Em 1924, em “A dissolução do Complexo de Édipo” afirmei, pela primeira vez, que poderíamos atribuir uma organização fálica e um complexo de castração também às meninas.

O clitóris na menina inicialmente comporta-se exatamente como um pênis, mas quando ela tem a oportunidade de comparar seus órgãos genitais com outra criança do sexo masculino logo percebe que algo lhe falta. Essa falta lhe cai como uma injustiça e como motivo para se sentir inferior. Por algum tempo ainda, acredita que ainda terá esse órgão tão valioso, ou seja, que o seu pênis irá crescer.

Diante da impossibilidade do seu desejo se concretizar a menina aceita a castração como um fato consumado, mas não sem resistências, pois tenta de alguma forma obter alguma

compensação através da associação pênis-bebê. Seu complexo de Édipo culmina no desejo de receber do pai um bebê/ dar ao pai um filho. O que observei é que pelo fato desse desejo não poder ser realizado a menina não vê outra saída a não ser abandonar o pai como objeto de amor e utilizar a libido investida na sua identificação com a mãe. Contudo, como já aponteí naquela ocasião "... nossa compreensão interna (insight) desses processos de desenvolvimento em meninas em geral é insatisfatório, incompleto e vago".

Em 1925, em "Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos" aponto a grande novidade de que no estágio pré-edípico a escolha de objeto da menina também é a mãe, assim como nos meninos.

A questão que se impôs foi de como a menina abandona seu objeto original, a mãe, e toma o pai como seu objeto?

Cheguei a algumas conclusões: "Todo analista já deparou com certas mulheres que se afeeram com intensidade e tenacidade especiais à ligação com o pai e ao desejo, em que esse vínculo culmina, de terem um filho seu. Temos boas razões para supor que a fantasia de desejo foi também a força motivadora de sua masturbação infantil, e é fácil formar a impressão de que, nesse ponto, viemos dar contra um fato elementar e não analisável da vida sexual infantil. Entretanto, uma análise rigorosa desses próprios casos traz à luz algo diferente, ou seja, que aqui o complexo de Édipo tem uma longa pré-história e constitui, sob certos aspectos, uma formação secundária".

A esperança de algum dia obter um pênis e tornar-se semelhante a um homem implica numa recusa da realidade e pode persistir até uma idade avançada sendo o motivo para que a menina se comporte como um homem.

Ainda há a possibilidade da tentativa de se diferenciar como uma exceção (Complexo de Masculinidade). A recusa presente na vida adulta caracteriza a perversão.

Uma outra possibilidade da menina lidar com o reconhecimento da falta do pênis e com a inveja que sente dele é a aceitação de que há diferença entre os sexos, que o menino tem pênis e ela não tem (posição feminina). Com isso sente-se castrada e inferiorizada.

Resta, ainda, para fazer frente à inveja do pênis o recalque absoluto no qual todos os desejos são recalcados e a masturbação clitoridiana é abandonada.

É importante ressaltar de que todas as mulheres ficam com uma porção de libido enganchada no recalque, na recusa e na aceitação.

Nos artigos "Sexualidade feminina, 1931" e "A feminilidade, 1933" insisto na questão de como se dá essa passagem da escolha de objeto mãe para a escolha de objeto pai.

O enamoramento da menina por sua mãe se dá até por volta dos cinco anos, momento em que está na fase fálica, ou seja, identificada com a mãe fálica que é aquela mulher que tem o absoluto poder.

A sexualidade da menina, nesse momento, está sob o domínio do clitóris.

O pai é um estorvo porque atrapalha esse vínculo mãe-filha.

"Dois fatos sobretudo me impressionaram. O primeiro foi o de que onde a ligação da mulher com o pai era particularmente intensa, a análise mostrava que essa ligação fora precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada. Com exceção da mudança de seu objeto amoroso, a segunda fase mal acrescentara algum aspecto novo à sua vida erótica. Sua relação primária com a mãe fora construída de maneira muito

rica e multiplicada. O segundo fato ensinou-me que a duração dessa ligação também fora grandemente subestimada. Em diversos casos, durara até os quatros anos de idade — em determinado caso, até os cinco —, de maneira que abrangeria, em muito, a parte mais longa do período da primeira eflorescência sexual”.

“Sexualidade feminina, 1931”

Como essa fase de ligação exclusiva da menina com a mãe se dá por um período prolongado esse será o palco propício para toda sorte de fixações (orais, anais, fálicas). Sendo assim, quando se dá a passagem de objeto mãe para o objeto pai, a menina carrega consigo um grande arsenal de experiências amorosas vividas com a mãe que dedicará ao pai.

O que observei é que essa passagem se dava às custas do abandono da atividade para a passividade. No início o bebê, no caso a menina, é marcado pela passividade e, aos poucos, vai utilizando o mecanismo de reviver ativamente com as suas bonecas o que foi vivido passivamente com a sua mãe.

Apontei a ambivalência dos sentimentos da menina em relação à mãe que ao mesmo tempo nutria desejos amorosos e hostis e ainda, ressaltai a importância da passagem da atividade para a passividade como condição necessária para a feminilidade.

Todos os desejos da criança têm inicialmente a marca da passividade enquanto a mãe é ativa e fálica. A mãe é o único objeto que a menina tem para amar e odiar, receber passivamente e dar ativamente.

A menina até o início da fase fálica está fascinada pela mãe até perceber a diferença entre os sexos e a partir disso concluir que lhe falta algo: o pênis.

Ao aceitar tal fato, não o faz sem muito ressentimento pela mãe; afinal esta que lhe negou um pênis. Assim, o ódio possibilitará a menina a se desprender do fascínio pela mãe e, com isso, a atividade de suas brincadeiras se transforma em passividade desejando receber um filho de seu pai como representante do pênis que lhe falta (fase fálica passiva).

A passagem da fase fálica ativa para a fase fálica passiva e a libidinização do desejo de ter um filho=pênis caminham na direção da feminilidade.

Enfim, penso que angariei material suficiente para tentar uma nova compreensão sobre a “A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher, 1920”

1933

. Freud reinterpreta o caso de homossexualidade feminina à luz do Complexo de Castração – Inveja do Pênis

Abordarei alguns pontos que julgo importante para apresentar as minhas atuais idéias a respeito do Complexo de Édipo da menina e, conseqüentemente, a sua escolha amorosa de objeto.

Inicialmente aponto que observei que a jovem havia vivido, ou pelo menos iniciado, a vivência edípica. Penso que ela entrou no Complexo de Édipo, teve como objeto amoroso original a mãe, identificou-se com a mãe fálica, deparou-se com diferença sexual entre ela e o seu irmão, sentiu inveja do pênis, ressentiu-se com a mãe e voltou-se para o pai.

Nesse momento, há um evento traumático que de alguma forma paralisa o curso normal desse processo.

“Ao longo do tratamento pude supor que o Complexo de Édipo havia sido vivido, por ela, segundo as características próprias do conflito experienciado pelas meninas, em geral; isto é, identificou-se com a mãe e escolheu o pai como objeto amoroso”.

“O fato que parecia corroborar com tal hipótese era que aos treze anos a jovem apresentou uma forte afeição por um menino de três anos de idade, o que denota um forte desejo de ser mãe e possuir um filho. Nesse momento, pude observar que a sua libido estava concentrada numa atitude maternal”.

De fato, minha suposição estava correta; pois a jovem naquele momento estava encenando o papel de mãe, revivia com seu bebê (menino por quem se encantara) o seu desejo de ter um filho de seu pai. Nesse momento, através da equação simbólica o pênis se equivalia ao bebê desejado e, assim, a jovem moça saltava para uma condição passiva condição necessária para a posição feminina.

Tudo parecia ir bem até que algo acontece e a jovem perde o interesse pelo menino e interessa-se por mulheres.

O acontecimento que marcou essa mudança foi o da mãe ter engravidado do terceiro filho quando a jovem contava dezesseis anos.

A mãe engravida quando a menina está revivendo a grande paixão edípica pelo pai. A menina, de fato, ressentia-se com a mãe, mas muito mais com o pai; pois encara a gravidez da mãe como uma traição do pai a ela.

Naquele momento, o seu desapontamento com o pai foi proporcional ao seu amor por ele, ou seja, ambos muito intensos.

A jovem ao abandonar o seu objeto amoroso, o pai, identificou-se com ele transformando-se num homem. Tomou a mãe, portanto, como objeto de seu amor com toda a ambivalência amor/ódio existente desde a tenra infância. A partir disso, ficou compreensível a busca de uma ligação apaixonada com uma mãe substituta”.

A menina ao se decepcionar com o pai, afinal era a ela que ele devia dar um filho e não à mãe, é invadida por tamanha raiva que não vê outra saída a não ser abandonar o pai como objeto de amor. Como já apontei antes, uma das formas* de abandonar um objeto se dá através de uma identificação (Identificação, 1925); portanto, a jovem se identificou com o pai.

* No luto normal, por exemplo, o objeto morto é abandonado aos poucos e a libido, que se conservou como libido objetal, fica disponível para desejar um novo objeto.

A partir dali, ela passou a ser o pai e, como um homem passou a amar uma mulher.

“Chamava atenção à forma como a jovem demonstrava o seu amor a sua amada, pois, encaixava-se perfeitamente no tipo masculino de amar que descrevi num outro trabalho (Uma escolha especial...). Naquele eu apontei a humildade do amante, um certo conformismo no recebimento de apenas algumas migalhas de atenção, a paciência bíblica na espera de um encontro casual com a amada, a necessidade de salvá-la dessa vida mundana

e, ainda, a irresistível atração exercida por mulheres levianas como condição necessária para o seu amor. A todos a esses aspectos atribuí a ligação do menino à mãe”

Trouxe como importante contribuição para a compreensão do percurso libidinal da menina o fato de haver uma fase de ligação exclusiva da menina com mãe. É uma fase que vai até por volta dos cinco anos e por ser por um período prolongado, é a matriz de todas as relações amorosas posteriores.

Essa fase marca que a mudança de objeto amoroso da mãe para o pai se dá de forma frágil, de modo que sempre é essa relação primeira que conduz todas as outras.

A análise deixou claro que a dama era a substituta de sua mãe. A dama era somente mais uma eleita para ser objeto de sua afeição; já que já na infância a jovem demonstrava certa afeição por mulheres/mães mais velhas.

É importante marcar que não se trata, nesse momento, de uma escolha homossexual e sim de uma ligação exclusiva com a mãe. A escolha homossexualidade se dá a partir do abandono e da identificação com o objeto abandonado.

Penso, ainda, que ao se retirar do plano da heterossexualidade, a jovem pôde abrir mão dos homens e deixá-los exclusivamente para a mãe. Dessa forma preservou a mãe do seu ódio... Essa é uma ilustração da ambivalência entre os desejos amorosos e hostis que a menina dispensa à mãe nessa fase.

Contudo, confirmo hoje a hipótese do passado de que não é um caso de homossexualidade adquirida tardiamente pelo fato de que essa escolha ganhou expressão na puberdade. Hoje acumulei conhecimento suficiente para ter uma melhor compreensão de fatos que naquele momento já despertavam como importantes.

“A comparação entre os órgãos genitais do irmão e os seus, que fez pelo início do período de latência (aos cinco anos de idade ou, talvez, um pouco antes), deixara-lhe forte impressão e tivera efeitos posteriores de grandes conseqüências”. (Psicogênese de uma caso...1920)

Penso que as coisas se deram da seguinte maneira: A jovem quando pequena teve a fase de ligação exclusiva com mãe, enamorou-se dela, identificou-se com a sua falicidade, deparou-se com a diferença sexual, relutou em aceitar tal realidade, invejou o pênis, ressentiu-se com a mãe e adotou o pai como objeto amoroso. Tudo isso aconteceu no tempo esperado. Porém, quando a jovem menininha estava com cinco anos sua mãe engravidou do seu segundo irmão. Seu ressentimento se deu com ambos, pai e mãe, especialmente com o pai. Penso que desprezei tal fato quando supus que “O nascimento de um segundo irmão quando contava entre cinco e seis anos de idade, não exerceu influência especial sobre seu desenvolvimento”.

Esse ressentimento, em parte, foi recalcado suficientemente para que, mais tarde, a jovem púbere apresentasse uma identificação com a figura maternal.

Nesse momento, a mãe engravidou do seu terceiro irmão e, com isso, a jovem revive todo o conflito edipiano que vivera na infância.

Aliado a esse ressentimento, a porção masculina presente na constituição bissexual de todo ser humano; mas que no seu caso era demasiadamente expressiva, fez com que ela abandonasse o pai como objeto de amor e se identificasse com ele passando a ser um

homem.

Todo o processo que se desenvolveu na puberdade não era mais do que uma revivescência do conflito edipiano que se dera na infância.

Quanto ao motivo que se deu o término de sua curta análise, ou seja, a transferência para mim dos seus sentimentos de desconfiança e hostilidade que eram originalmente destinados ao pai; penso, hoje, que seria um excelente material para que, a partir dele, pudéssemos trabalhar todas essas questões que se impuseram.

Referências Bibliográficas:

S. Freud; Obras Completas

. 1920, A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher

. 1923, Organização genital infantil

. 1923, O Ego e o Id – cap. III

. 1924, A dissolução do Complexo de Édipo

. 1925, Algumas conseqüências psíquicas das diferenças sexuais anatômicas

. 1925 Psicologia das massas – cap. VII “Identificações”

. 1931, Sobre a sexualidade feminina

. 1933, Feminilidade

Maria Lucia Putini Barsuglia

luputini@terra.com.br - Tel. Cons: 5671-5690

Formação em Psicanálise/ segundo ano – 2004

Profa. Nora Miguez\